Clemente de Alexandria:
O Verbo como pedagogo

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.
Bacharel-Licenciado em Filosofia Pela Universidade Federal de Mato Grosso.

1. Vida e obra

Tito Flávio Clemente, de família gentia, nasceu em Atenas por volta do ano 150 da nossa era. Após a sua conversão, viajou para muitos lugares da própria Grécia, Ásia Menor e Palestina. No entanto, foi em Alexandria que encontrou o seu verdadeiro paradeiro: primeiro como aluno de Panteno; depois, com a morte deste, como diretor da escola. Com a perseguição de Septímio aos cristãos, fugiu do Egito em companhia de um "ex-discípulo" seu, Alexandre, Bispo de Cesareia. Parece ter falecido no interstício de 212 a 217. Não sabemos, ao certo, se foi ou não, sacerdote. Muito versado tanto na literatura cristã como na filosofia grega, Clemente merece ser tido como o primeiro dos sábios cristãos

A obra de Clemente busca dar continuidade à de Justino. De fato, Clemente tenta com um entusiasmo por vezes desmedido, mostrar que a Revelação Cristã é o complemento necessário que faltava à filosofia grega. Com efeito, seria mesmo de se estranhar que, instruído como era nas letras profanas, pudesse simplesmente desclassificá-las. Sua ânsia por mostrar a unidade existente entre a doutrina dos filósofos e a doutrina cristã era tanta, que lhe valeram algumas censuras por parte dos seus colegas, dado o seu demasiado interesse pela filosofia. De acordo com o alexandrino, somente a Epicuro destinava-se o anátema de São Paulo proferido contra a sabedoria deste mundo. Segundo Gilson, foi com Clemente que nasceu a ideia que deu origem à fórmula: *Philosophia ancilla Theologie*. No texto a seguir, passamos a considerar alguns destes aspectos.

2. A mitologia grega e o paganismo

Não precisamos esperar os profetas para sabermos que a mitologia grega não passa de fábulas. Com efeito, já os filósofos e poetas gregos pregavam a necessidade de um culto mais espiritual. Contudo, é somente pela revelação bíblica, que Deus – através dos profetas – deu-se a conhecer ao homem.[1] Entretanto, os pagãos alegam não poderem deixar as religiões tradicionais da sua pátria, visto que as herdaram de seus antepassados. Porém, a questão que se coloca é outra e bem mais grave: descobrir qual seja a *religião verdadeira*. Destarte, como ninguém, quando adulto, continua a comer os alimentos que ingeria na sua infância, e nem a vestir as mesmas vestes, assim também os homens não precisam continuar na idolatria, deixando de aderir à *verdadeira religião*.[2]

3. O Verbo como pedagogo

Agora bem, ao pagão convertido que tenha que abandonar os seus costumes e tradições, será necessário um pedagogo que o oriente neste novo caminho. Ora, este pedagogo é o Verbo. De fato, antes que um doutor que apenas ilumina a alma, o Verbo é um pedagogo que ajuda os cristãos a caminharem na verdade.[3] Ora bem, o Verbo ensina com doçura, pois o que o inspira é a bondade, ele deseja salvar-nos. No entanto, para trazer a salvação aos seus, ele pode usar de certa severidade, a fim de que o cristão não perca a sua salvação. Como o piloto que, ao conduzir o navio ao porto, é por vezes compelido a usar a força, assim o Verbo conosco para que cheguemos ao porto da salvação.[4]

---

[1] GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 40: "Pela crítica que fizeram, os filósofos e os poetas gregos já haviam provado a necessidade de um culto mais espiritual do que a idolatria, mas é só na palavra dos Profetas que se encontra a revelação do verdadeiro Deus."

[2] *Idem*. *Ibidem*: "Um homem não se considera obrigado a conservar a vida inteira os alimentos e roupas de sua infância, tampouco a razão em persistir a vida toda no que se sabe ser um erro."

[3] *Idem*. *Ibidem*. p. 41: "É bem o nome que lhe convém, melhor talvez que o de Doutor, porque um doutor apenas ilumina o espírito, mas um pedagogo melhora a alma ensinando a viver bem."

[4] *Idem*. *Ibidem*. p. 42: "O piloto que conduz o navio ao porto por vezes é obrigado a navegar contra a borrasca; o Pedagogo também pode educar seu discípulo duramente e impor-lhe a disciplina que o salvará."

Cumpre dizer, ademais, que todos os homens, em detrimento do que o gnosticismo pregava, são orientados pelo Verbo.[5] Além disso, todos os cristãos, desde o neófito até ao mais instruído, são iguais diante de Deus. Desta feita, não existe uma aristocracia na ordem da salvação.[6] Sem embargo, todos somos crianças diante do Pai e os mais humildes são tão filhos de Deus quanto os mais instruídos.[7]

Desta sorte, na perspectiva de Clemente, entre luz e trevas não há meio termo.[8] Destarte, a rigor, não existem pagãos, cristãos e gnósticos. Há, antes, pagãos e cristãos, o gnóstico é um cristão perfeito.[9] Portanto, o fato de um cristão ser mais instruído do que o outro não o faz mais cristão por isso: "Seguramente certos cristãos saberão mais e melhor do que outros, mas não serão mais cristãos por isso"[10].

4. A sabedoria cristã

Mas o que o Verbo nos ensina? Em que consiste este ensinamento? Qual a sua finalidade na vida do homem? Ora, o verdadeiro conhecimento é o *conhecer-se a si mesmo*, visto que, conhecendo a si próprio, o homem conhece a Deus, e então se conhece como imagem de Deus.[11] De sorte que este conhecimento, vale lembrar, o conhecimento de Deus por meio do conhecimento de si mesmo, faz do cristão o único ser verdadeiramente rico, pois passa a possuir os tesouros da alma, que não podem ser perdidos. De fato, a ele nada falta, visto que o pouco que tem lhe basta. Com efeito, o verdadeiro discípulo do Verbo é o homem regenerado. De resto, o cristão que segue os passos do *pedagogo divino* usa de tudo, mas não

---

[5] *Idem*. *Ibidem*. "De quem o Verbo é pedagogo? De todos os homens, sem distinção."
[6] *Idem*. *Ibidem*: "Todos os cristãos, são iguais diante da salvação, a partir do momento em que recebem o batismo."
[7] *Idem*. *Ibidem*: "Diante de Deus, os mais instruídos como os mais humildes não são mais que crianças, porém os mais humildes são tão filhos de Deus quanto os mais instruídos."
[8] *Idem*. *Ibidem*: "Mesmo o simples neófito, por ter aceito a fé, já está entregue à luz, e não há meio termo entre a luz e as trevas."
[9] BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. p. 40: "Como se vê, para Clemente, o gnóstico é simplesmente um cristão perfeito."
[10] GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 41.
[11] *Idem*. *Ibidem*. p. 42: "O verdadeiro saber é conhecer a si mesmo; conhecendo-se, conhece a Deus; conhecendo-o, o homem se descobre cada vez mais imagem dele (...)."

é escravo de nada, já que o seu verdadeiro tesouro consiste exatamente no *conhecer-se a si mesmo* como *imagem de Deus*.[12]

Agora bem, este descobrir-se da alma como imagem de Deus é o que norteará toda a moral de Clemente. Sem embargo, Clemente rejeita os exageros ascéticos dos moralistas gnósticos; todavia, o seu cristianismo, por ser uma *religião da alma*, não é superficial. De modo que, conquanto o rico se possa salvar, urge que ele não se torne escravo de sua riqueza. Vale lembrar ainda que, embora aparentemente as concepções do nosso filósofo possam evocar – num primeiro momento – a *sabedoria grega*, elas são *sabedoria cristã*. Como diz Gilson, mesmo que as prescrições éticas pareçam coincidir-se em muitos pontos, o espírito que as anima e a motivação que as desperta não são mais as mesmas.[13]

A aparente semelhança entre a *apatia cristã* e a *apatia grega* é que, como a grega, também a *apatia cristã* consiste no uso de tudo sem se tornar escravo de nada. Porém, enquanto a *apatia grega* é *amor reprimido* em si mesmo, já que o *sábio pagão* se desvencilha das coisas por querer *amar somente a si*, a *apatia cristã* é amor realizado, uma vez que o cristão se desprende das coisas para *abrir-se* ao *amor a Deus*.[14] O estóico é apático, pois é movido por *amor de si*; o cristão, ao contrário, desapega-se do mundo por amor a Deus, uma vez que se conhece a si mesmo enquanto imagem de Deus.[15] Por conseguinte, enquanto o estóico caminha para uma *autarquia*, o cristão visa à herança eterna.[16]

5. Fé e filosofia

Ora bem, dizíamos no princípio do artigo que o Verbo é pedagogo não só dos cristãos, mas também de todos os homens. Cabe agora indagar: como o Verbo exercia esta função

---

[12] *Idem*. *Ibidem*. Clemente acaba sua obra mostrando-nos o homem regenerado, que segue, como verdadeiro discípulo, o Pedagogo divino, usando de tudo sem ser escravo de nada.

[13] *Idem*. *Ibidem*. p. 43: "Mesmo quando a conduta do cristão coincide com a do sábio grego, ela não se inspira nos mesmos motivos. Portanto, ela não é a mesma."

[14] BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 41: "A diferença entre a apatia estóica e a apatia cristã é a mesma que existe entre o amor reprimido e o amor plenamente realizado."

[15] *Idem*. *Ibidem*: "Esta apatia (a cristã) nada tem em comum com aquele isolamento altivo do estóico, que vive exclusivamente pra si mesmo; é um estado de felicidade íntima, efeito da comunhão com Deus pelo amor e o conhecimento." GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 43: "O espírito da moral cristã é o desapego ao mundo por amor a Deus."

[16] CLEMENTE. **Strômates**. VII, 10: 55, 7. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. p. 41. "Está escrito 'Ao que tem dar-se-lhe-á' (Lc 19, 26): à fé a gnose, à gnose o amor, e ao amor a herança"

entre os homens que nasceram no seio do paganismo, sem terem tido acesso à revelação bíblica?

Clemente desenvolve este tema dentro de um contexto peculiar, qual seja, o de uma querela que surgira na Igreja de Alexandria, no que toca à função que cabia à filosofia na mesma comunidade. Com efeito, a Igreja de Alexandria era formada por cristãos sábios e simples, sendo que a maioria era simples. Ora, a experiência do gnosticismo parecia atestar ao simples a *nocividade* da filosofia. Donde, para os simples, se deveria lutar contra a filosofia da mesma forma como se luta contra as forças rebeldes a Deus. Daí, Clemente ter sido muitas vezes repreendido pelos seus irmãos na fé, por não perfilhar com eles a opinião acima, ou seja, era criticado por parecer dedicar-se com demasia aos estudos filosóficos. Com efeito, os que lhe contestavam o recurso à filosofia, asseguravam que a fé deveria ser vivida na simplicidade. Reprovavam, desta feita, até mesmo as *especulações teológicas*.[17]

Agora bem, Clemente se esforçava por responder a tais críticas, dizendo que a filosofia em si mesma é boa. De fato, a filosofia torna-nos virtuosos. Ora, ser virtuoso é um bem. E todo bem vem de Deus. Logo, a filosofia é um bem. De resto, é notório que os homens de maus hábitos não se interessam pela filosofia.[18] Mas o adversário poderia adverti-lo de que, se a filosofia fosse tão boa, Deus não a teria substituído pela fé. Entretanto, a tal opositor Clemente argumentaria que esta objeção faz sentido somente para aquele que ainda não compreendeu a verdadeira função da filosofia.[19]

---

[17] GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 43: "(...) os cristãos simples de Alexandria recriminavam-lhe (a Clemente) perder seu tempo a filosofar. O que eles reclamavam era "a fé nua e crua", e não somente nua de filosofia, mas também de toda especulação, até mesmo teológica." (O parêntese é nosso).

[18] CLEMENTE. **Strômates**. VI, 17: 159, 7-8. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. p. 35. "E' inconcebível que a filosofia seja má, visto que torna os homens virtuosos. Por isso ela deve ter sua origem em Deus, que só pode fazer o bem; aliás, tudo o que vem de Deus é dado para o bem e recebido para o bem. E, por sinal, os homens maus não costumam interessar-se pela filosofia."

[19] GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 44: "A isso o adversário objeta, de ordinário, que a filosofia deve, no entanto, ser uma coisa ruim, pois Deus substituiu-a pela fé. Mas isso é compreender mal o papel da filosofia na história."

6. O papel da filosofia antes de Cristo

É justamente enquanto discrimina esta função da filosofia, que Clemente irá discernir como o Verbo iluminava os homens que viveram antes de Cristo. Sem embargo, os judeus se conduziam pela lei que, sem duvida, lhes tinha sido dada por Deus.[20] De forma que o *Antigo Testamento* preparou os caminhos para o Novo; e o Novo, por sua vez, não *ab-rogou* o Velho, senão que lhe completou a medida.[21] Era então por meio da lei que o pedagogo divino os guiava.

Por outro lado, os gregos não tinham fé e nem lei. Mas a razão – afirma o próprio São Paulo – tornou-se o instrumento usado por Deus não só para julgar as suas ações, mas também para prepará-los para o cristianismo.[22] De sorte que os gregos tiveram até os seus profetas, o que dizer de Platão e de alguns poetas?[23] De maneira que, para os gregos, a razão fez as vezes da lei mosaica.[24] Por conseguinte, era por meio da razão que o Verbo os instruía.

De fato, se a razão não servisse para nada, não teria sido dada por Deus aos homens, pois a divindade nada faz em vão.[25] Conquanto seja certo afirmar que Deus não falava aos demais povos diretamente como fazia com os judeus, isto é, por uma *revelação especial*, todavia também não lhes deixou sem auxílio algum, pois também a razão é uma *luz divina*.[26] Sem embargo, negar que Deus tenha guiado os gregos e outros povos seria o mesmo que subtraí-los à sua Providência que tudo abrange.[27] Portanto, importa concluir que há dois

---

[20] *Idem*. *Ibidem*: "Antes da vinda de Cristo, havia a lei judaica, que ninguém duvida ter sido desejada por Deus."
[21] *Idem*. *Ibidem*: "O Antigo Testamento preparava o Novo, e o Novo não ab-rogou o Antigo, mas completou-o; portanto, temos aqui uma continuidade na Revelação."
[22] *Idem*. *Ibidem*: "Por outro lado, havia os gregos, sem fé nem Lei, mas não sem recursos, porque, pelo menos, eles tinham a razão natural, que não só os julgava, como diz São Paulo, mas os preparava a receber no devido tempo o cristianismo (...)"; CLEMENTE. **Stromata.** VIII, c 2, nn 10 e 11. In: MONDIN, Battista**. Curso de Filosofia: Os Filósofos do Ocidente:** Vol 1. 10ª ed. Trad: Bênoni Lemos. Rev. João Bosco de Lavor Medeiros. São Paulo: Paulus, 1981. p. 123: "Deus deu a Lei aos judeus e a filosofia aos gentios para impedir que não acreditassem na vinda de Cristo. Porque, mediante dois processos diferentes de aperfeiçoamento, ele guia gregos e bárbaros para a perfeição da fé".
[23] *Idem*. *Ibidem*: "A razão grega teve até seus profetas, que foram os filósofos."
[24] BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 36: "De forma que a razão era para os pagãos o que a Lei era para os judeus."; CLEMENTE. **Strômates**. I, 5: 28, 3 In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000.p. 37: "Os gregos foram educados para Cristo por intermédio da filosofia, como os judeus por intermédio da Lei. Assim a filosofia prepara o caminho para aquele que é chamado à perfeição por Cristo."
[25] GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 44: "Se quis a razão, foi porque ela serve para alguma coisa."
[26] *Idem*. *Ibidem*: "Sem dúvida, Deus não falava diretamente aos filósofos; ele não lhes transmitia uma revelação especial, como fazia com os profetas, mas guiava-os, apesar disso, indiretamente pela razão, que também é luz divina."

Antigos Testamentos (O de Moisés e o da Filosofia) e um Novo.[28] Destarte, o cristianismo apresentava-se como uma *continuação natural* da *tradição judaica* e da *filosofia antiga*. É o ponto de *intersecção* entre elas.[29] Sem dúvida, o caminho para a verdade é um só, mas nele desembocam afluentes que vêm de todos os lados.[30]

7. O lugar da filosofia depois de Cristo

Agora bem, mesmo agora depois da vinda de Cristo, o saber filosófico é útil aos gregos a fim de encaminhá-los para a fé; depois, ser-lhes-á útil ainda para ajudá-los a aprofundar-se na fé e a defendê-la.[31] No entanto, a filosofia, para ser útil à fé, deve-se colocar em seu lugar. Com efeito, ela tem uma função bem determinada, a saber, preparar o homem para receber a palavra de Deus. Por conseguinte, seria nocivo deter-se nela.[32]

A imagem bíblica "da mulher estranha" é clara. De fato, muitos seduzidos pela beleza das *artes liberais*, esqueceram a senhora destas, qual seja, a *filosofia*. Ora, aquelas existem

---

[27] *Idem*. *Ibidem*: "Interpretar de outro modo os fatos seria negar que a Providência divina rege o detalhe da história e dos acontecimentos."
[28] *Idem*. *Ibidem*. p. 45: "Como diz Clemente, há dois Antigos Testamentos e um Novo (...)". Clemente era da opinião que, em matéria de religião e moral, Platão houvera se inspirado na doutrina dos hebreus: CLEMENTE. **Protréptico**. In: REALI, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica**. 2ª ed. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2005. pp. 50 e 51: "De onde, Platão, tens esta verdade da qual obscuramente falas? De onde esta abundância de argumentos vaticina o culto de Deus? São mais sábios que estes – diz ele- os povos bárbaros. Conheço teus mestres, mesmo que queiras escondê-los; aprendes a geometria dos egípcios, a astronomia dos babilônios, toma dos trácios os sábios encantamentos, muitas coisas te ensinaram também os assírios, para as leis verazes e a crença em relação a Deus foste ajudado pelos próprios hebreus*.*"
[29] BOEHNER, GILSON **História da Filosofia Cristã**. p. 36: "(...) o cristianismo é uma continuação natural da filosofia antiga."
[30] CELEMENTE. **Strômates**. I, 5; 28, 1; cf. I, 2: 2-4. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. p. 36: "Não há dúvida que o caminho para a verdade é um só; mas nele desembocam, como num caudal inesgotável, os afluentes vindos de todos os lados."
[31] GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 45: "Antes da vinda do Senhor, a filosofia era necessária aos gregos para a sua justificação; ela continua sendo-lhes útil para prepará-los à fé e, quando a obtiverem, para aprofundá-la e defendê-la."; Clemente de Alexandria. **Stromata**. I, c 5, n 28. In: MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia: Os Filósofos do Ocidente:** Vol 1. 10ª ed. Trad: Bênoni Lemos. Rev. João Bosco de Lavor Medeiros. São Paulo: Paulus, 1981. p. 123: "Antes da vinda de Cristo, a filosofia era indispensável aos gregos para conduzi-los à justiça; agora ela é útil para aquelas espíritos que querem chegar à fé racionalmente."
[32] CLEMENTE **Stromata**. I, c 17, fim. In: MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia: Os Filósofos do Ocidente:** Vol 1. 10ª ed. Trad: Bênoni Lemos. Rev. João Bosco de Lavor Medeiros. São Paulo: Paulus, 1981. pp. 123 e 124: "Creio que a filosofia grega não encerra a verdade em toda a sua extensão; creio também que ela é radicalmente incapaz de fazer praticar os mandamentos do Senhor. Apesar disso, ela é útil enquanto prepara o caminho para a doutrina régia por antonomásia; a seu modo ela torna o homem sábio, forma o seu caráter e o prepara para deixar-se compenetrar pela verdade, contanto que acolha a doutrina da divina Providência."

para esta última e, no entanto, encontramos alguns que se envelheceram na *música*, outros pararam na *geometria* e outros ainda se deixaram levar pelos encantos da *retórica* e da *gramática*. Agora bem, do mesmo modo como as artes liberais não têm um fim em si mesmas, mas servem à filosofia, assim também a própria filosofia é serva da *Sabedoria*.[33] Segundo Gilson, é aqui, ao que tudo indica, que se começa a delinear aquela fórmula, que se tornará clássica no medievo: *philosophia ancilla theologiae*.[34]

Mas, vejamos outra imagem bíblica que, sugerida por Clemente, parece confirmar o que dissemos acima. Abraão é fiel a Sara – sua esposa legítima –, figura da Sabedoria; Agar, escrava de Sara, representa as ciências profanas (a filosofia). Abraão esteve com Agar, porque esta era jovem e ainda não havia chegado a hora de Sara dar-lhe o filho. Contudo, Abraão reconhece desde o princípio, que maior honra e respeito ele deve a Sara. Admite, ademais, que Agar é escrava de Sara, pelo que esta pode dispor daquela como quiser. Ora bem, esta imagem exemplifica, segundo Clemente, como o fiel deve proceder com as ciências profanas, isto é, deve usá-las naquilo que lhe forem úteis até que elas o levem ao limiar da verdadeira filosofia, que é a Sabedoria cristã, suprema verdade. Deve manter a filosofia sempre sob o jugo da teologia.[35]

---

[33] CLEMENTE. **Stromata**. I, 5: 30, 1. In: GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média.** Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 45: "Elas prepararam (as ciências profanas), com efeito, para receber a palavra de Deus e contêm o que, em tempos diferentes, foi dado a cada geração em seu interesse; mas aconteceu que alguns, inebriados pela beberagem das servas, negligenciam sua ama, que é a filosofia. Alguns dentre eles envelheceram no estudo da música, outros no da geometria, outros ainda no da gramática, muitos no da retórica. Ora, do mesmo modo que as artes liberais, ou, como se diz, enciclopédicas, servem à filosofia, que é sua ama, a própria filosofia tem por finalidade preparar a Sabedoria. Com efeito, a filosofia não é mais que uma aplicação da Sabedoria, ciência das coisas divinas e humanas e de suas causas. A Sabedoria é, pois, a senhora da filosofia, assim como a filosofia o é das disciplinas que a precedem." (Os parênteses são nossos).

[34] *GILSON*. **A Filosofia Na Idade Média**. p. 45*:* "Vemos esboçar-se aqui a idéia que será popularizada mais tarde pela fórmula: *philosophia ancilla theologiae*."

[35] CLEMENTE. **Stromata**. In: GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média.** Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995. pp. 45 e 46: "(...) Do que acabamos de dizer, a Escritura dará testemunho. Sara, esposa de Abraão, era estéril. Como não concebia, ela permitiu a união de Abraão com uma de suas servas, uma egípcia que se chamava Agar, na esperança de que ele tivesse uma posteridade. A Sabedoria (Sara), que coabitava com o fiel – pois está entendido que Abraão é o fiel e o justo -, era, portanto, estéril e sem filhos nessa primeira geração, pois ainda não os dera a Abraão; e ela, queria, com razão, que o justo, que ainda tinha que progredir, se unisse primeiro à ciência do mundo – porque é o mundo que o Egito significa alegoricamente – para gerar dela Isaque, pela vontade da divina providência (...) Aquele que se instruiu primeiro nas ciências pode, pois, elevar-se até a Sabedoria, que as domina, e de onde nasce a raça de Israel. Vemos, em primeiro lugar, com isso, que a sabedoria pode ser adquirida pelo estudo, pois Abraão o fez, passando das verdades mais elevadas à fé e à justiça, que são de Deus (...). Mas vê-se, ademais, por que Abraão (o justo) diz à Sara (à Sabedoria): 'Eis tua serva, ela está em tuas mãos, faz dela o que quiseres'. Em outros termos, Abraão quer dizer: com certeza, tomo a ciência do mundo porque ela é jovem, e a guardarei; mas tua ciência, eu a honro e a respeito como ama absoluta."

8. A fé como critério de escolha

A Sabedoria é de per si una.[36] Foram as escolas filosóficas que, embora tendo o seu valor, despedaçaram a Sabedoria, quebrando a unidade natural da verdade. De fato, cada uma delas, possuindo apenas uma parte da verdade, arvorava-se em dizer que a possuía por inteiro.[37] Agora bem, o critério de *seleção* para se distinguir aquelas doutrinas das escolas filosóficas, que realmente constituem as partes da *verdadeira filosofia*, é a *fé cristã*.[38] Destarte, será pela fé que reuniremos e restituiremos, por uma espécie de *ecletismo*, a *unidade original* da Sabedoria, espalhada nas *escolas filosóficas*.[39]

É fato, além disso, que existe uma *filosofia hostil* ao cristianismo; trata-se da filosofia epicurista, que corresponde ao ateísmo e à volúpia.[40] Segundo Clemente, todos os repetidos ataques de São Paulo à sabedoria grega tinham por referência o *epicurismo*.[41] Por outro lado, os dois mestres da filosofia que mais alcançaram doutrinas de acordo com a piedade e a justiça foram Pitágoras e Platão.[42] Os estóicos, conquanto erráticos em teologia, pois consideravam que Deus fosse um corpo, possuíam uma moral, sob muitos pontos, boa e salutar.[43]

---

[36] *Idem*. *Ibidem*. p. 47: "É por ser una que a Sabedoria vai poder pôr ordem na própria filosofia."
[37] *Idem*. *Ibidem*: "Como as bacantes despedaçaram o corpo de Penteu, as seitas filosóficas quebraram a unidade natural da verdade: cada uma guarda um pedaço dela e se gaba de possuí-la inteira."
[38] *Idem*. *Ibidem*: "A fé cristã age, pois, como um princípio de seleção que só permite reter de cada doutrina o que ela contém de verdadeiro e de útil."
[39] *Idem*. *Ibidem*: "A filosofia assim concebida seria, pois, uma espécie de *ecletismo* orientado pela fé, que é senhora da filosofia como esta o é das artes liberais." BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 39: "A fé, e só ela, tem a tarefa de reintegrar todas as verdades parciais num conjunto verdadeiramente sistemático."
[40] *Idem*. *Ibidem*: "A crítica de Clemente é, de resto, muito indulgente: Epicuro, diz ele em seu *Protreptikos*, é o único filósofo sobre quem eu me calaria de bom grado, pois que fazer de um ateu que coloca o soberano bem na volúpia."
[41] *Idem*. *Ibidem*: "Não obstante, Clemente tirou partido disso à sua maneira: os textos de São Paulo sobre a loucura dos sábios deste mundo podem ser todos canalizados para Epicuro e dirigidos contra ele."
[42] *Idem*. *Ibidem*: "Os dois mestres por excelência serão Pitágoras, homem iluminado por Deus, e Platão, cuja filosofia se volta toda para a piedade."
[43] *Idem*. *Ibidem*: "Quanto aos estóicos, sua teologia é falsa, pois eles concebem Deus como corpóreo e imanente ao mundo, mas sua moral tem muito de bom e não deixará de ser utilizada."

BIBLIOGRAFIA

BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. pp. 35 a 48.

CLEMENTE. **Protréptico**. DARIO ANTISERI, Giovanni Reale. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica.** Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. 2º ed. São Paulo: Paulus, 2005. p. 50 e 51.

_____. **Stromata**. In: GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. **Stromata**. In: MONDIN, Batistta**. Curso de Filosofia: Os Filósofos do Ocidente:** Vol 1. 10ª ed. Trad: Bênoni Lemos. Rev. João Bosco de Lavor Medeiros. São Paulo: Paulus, 1981.

_____. **Strômates**. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000.

GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995. pp. 40 a 49.